

ANNA RIBEIRO E JOAQUIM NABUCO ENTRE "DOIS MUNDOS" ESCRAVISTAS: UMA ANÁLISE COMPARATIVA DA RECEPÇÃO DE *A CABANA DO PAI TOMÁS*

Marcelo Souza Oliveira¹
Universidade Federal da Bahia
Instituto Federal Baiano

Rogério Barreto Santana²
Universidade Federal de Ouro Preto

Recebido: 01/04/2016
Aprovado: 20/06/2016

Resumo: O artigo traça uma análise comparativa entre as representações da escravidão nas memórias *Minha Formação* (1900), de Joaquim Nabuco (1849-1910), e *Longos serões do campo* (1992), de Anna Ribeiro (1843-1930), no que concerne a apropriação que ambos fizeram do romance *A cabana do pai Tomás* (1852). Observamos que as posições de um abolicionista e de uma escravocrata marcaram diferenciações e pontos de interlocução na recepção e (re)significação dessa obra. No limite, é possível inferir, a partir dos atores analisados, que o discurso senhorial não foi totalmente rompido com o fim da escravidão no Brasil, em 1888.

Palavras-chave: Escravidão no Brasil; Joaquim Nabuco; Anna Ribeiro.

ANNA RIBEIRO AND JOAQUIM NABUCO BETWEEN "TWO WORLDS" SLAVE: A COMPARATIVE ANALYSIS OF THE RECEPTION OF *UNCLE TOM'S CABIN*

Abstract: The article draws a comparative analysis among the representations of the slavery in the memory books *Minha Formação* (1900), by Joaquim Nabuco (1849-1910), and *Longos Serões do Campo* (1992), by Anna Ribeiro (1843-1930), in what concerns the reception that both did of the romance *A Cabana do Pai Tomás* (1852). We observed that the positions of an abolitionist and of slavocrat marked differentiations and concordance points in the reception and resignification of this work. Ultimately, it is possible to infer, from the actors analyzed, the manor speech was not completely broken with the end of slavery in Brazil, in 1888.

Keywords: Slavery in Brazil; Joaquim Nabuco; Anna Ribeiro.

Introdução

Recordo hoje com íntima satisfação o procedimento de minha mãe com os escravos. Creio não ser atribuível somente ao bom coração e a ter sido criada em uma casa onde eram os escravos tratados com humanidade. (...). Em minha mãe, a virtude da caridade mais se manifestava tratando-se os pobres escravos, porque seu ânimo generoso sempre tomava parte do fraco contra o forte, o opressor. [...]

¹ E-mail: marcelo.oliveira@catuifbaiano.edu.br.

² E-mail: rogeriobsantana@hotmail.com.

Repetia sempre minha mãe a frase de Mistress Stowe em *A Cabana do Pai Tomás*: “Tratem-nos como homens, e eles procederão como homens; tratem-nos cães e eles procederão como cães”. Isto citava ela procurando convencer os outros, porque antes de conhecer o livro de Mistress Stowe, já professava ideias idênticas às da benemérita autora norte-americana.³

[...] Estive envolvido na campanha da Abolição e durante dez anos procurei extrair de tudo, da história, da ciência, da religião, da vida, um filtro que seduzisse a dinastia; vi os escravos em todas as condições imagináveis; mil vezes li a *Cabana do Pai Tomás*, no original da dor vivida e sangrando; no entanto a escravidão para mim cabe toda em um quadro inesquecido da infância, em uma primeira impressão, que decidi, estou certo, do emprego ulterior de minha vida. Eu estava uma tarde sentado no patamar da escada exterior da casa, quando vejo precipitar-se para mim um jovem negro desconhecido, de cerca de dezoito anos, o qual se abraça aos meus pés suplicando-me pelo amor de Deus que o fizesse comprar por minha madrinha para me servir. Ele vinha das vizinhanças, procurando mudar de senhor, porque o dele, dizia-me, o castigava, e ele tinha fugido com risco de vida... Foi este o traço inesperado que me descobriu a natureza da instituição com a qual eu vivera até então familiarmente, sem suspeitar a dor que ela ocultava.⁴

Relatos como esses ocuparam lugar comum entre aqueles que experienciaram o ambíguo cenário da crise do sistema escravocrata e do Império.⁵ O que não parecia nada ordinário, entretanto, era a referência constante a uma mesma obra literária por parte de duas construções históricas com propósitos dissonantes, como as que serão examinadas neste artigo. De um lado, estava a ex-senhora de engenho do Recôncavo da Bahia, Anna Ribeiro de Araújo Góes Bittencourt (1843-1930); de outro, encontrava-se um dos abolicionistas mais conhecidos e discutidos dos últimos tempos, o pernambucano Joaquim Aurélio Barreto Nabuco de Araújo (1849-1910). Enquanto eles se distanciaram pelas suas trajetórias de vida, estratégias, escolhas e posicionamentos políticos, algo aparentemente inusitado os aproximaria, favorecendo assim o diálogo entre os atores: a leitura de *A Cabana do Pai Tomás*, romance abolicionista escrito pela

³ BITTENCOURT, Anna Ribeiro de Araújo Góes. **Longos Serões do Campo: Infância e juventude**. Organização e notas Maria Clara Mariani. Rio Janeiro: Nova Fronteira, 1992. p. 31 e 32. (Esse livro foi organizado postumamente pelos descendentes de Anna Ribeiro, a partir de caderninhos escritos pela autora por volta de 1920).

⁴ NABUCO, Joaquim. **Minha formação**. São Paulo: Martin Claret, 2005 (1900). p. 136 e 137.

⁵ GILENO, Carlos Henrique. **Perdigão Malheiro e a crise do sistema escravocrata e do Império**. São Paulo: Annablume, 2013.

autora norte americana Harriet Beecher Stowe, em 1852, que tematizou, por sua vez, a escravidão como aspecto central da sua obra.⁶

A Cabana do Pai Tomás foi um dos livros mais lidos e comentados durante mais de um século, não só nos Estados Unidos, como em vários países do continente americano, incluindo aí o Brasil. Ao retratar e, ao mesmo tempo, denunciar a escravidão sob o viés senhorial, evidenciou fictícia história do Pai Tomás, um velho e bondoso escravo que foi obrigado a deixar a sua casa e família quando cedido a um mercador de escravos para o pagamento de dívidas do seu senhor, o Sr. Shelby. Nesse contexto, Mrs. Stowe narraria com astúcia às desventuras, os maus-tratos e a fé descomunal dele ante um mundo escravista. Porém o diferencial do enredo ainda estaria por vir: a execração do abolicionismo pelos protagonistas da história, sobretudo na medida em que se estabeleceu no livro um contraponto entre a subserviência do Pai Tomás e a bondade de dois dos seus amos: Sr. Shelby e Saint Claire.

O leitor pode, e com toda razão, perguntar-se sobre a relevância, hoje em dia, de um estudo comparado entre Anna Ribeiro e Joaquim Nabuco, e também questionar-se acerca da pertinência da busca de possíveis relações entre autores com intenções e abordagens tão diversas, em se tratando de narrativas destoantes. Nesse sentido, enfatizaremos a hipótese de que o argumento abolicionista de Joaquim Nabuco não teria rompido totalmente com o discurso escravocrata, uma vez que, assim como Anna Ribeiro, ele retomaria em seu livro de memórias características muito caras aos discursos senhoriais inerentes aos últimos anos da escravidão no Brasil, como, por exemplo, os efeitos “traumáticos” da abolição para a aristocracia, o saudosismo dos “bons” tempos do cativo e a visão paternalista diante da figura dos escravos, vistos, na maioria das vezes por certos setores da sociedade, como seres passíveis e carentes de tutela. Tais concepções ajudaram a reforçar, em muitos aspectos, preconceitos reproduzidos atualmente, sendo fruto

⁶ Dissertação de mestrado recente teceu análise substantiva sobre o romance: BRAGA, Marcelle Danielle de Carvalho. **Um mosaico de fatos: produção e circulação de literatura sobre a escravidão nos Estados Unidos em meados do século XIX – A Cabana do Pai Tomás e os romances anti-tom’s**. Ouro Preto, 2014. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de pós-graduação em História, Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, Minas Gerais, 2014.

de uma longa história de escravidão em que o negro e os brasileiros, de modo geral, não ficaram isentos.

Procuraremos nos textos de Anna Ribeiro e Nabuco, de acordo com o que nos assegura Carlo Ginzburg,⁷ isolar dos testemunhos voluntários o núcleo de testemunhos involuntários mais profundos, lendo-os contra as intenções de quem os produziu. O “fio e os rastros” da análise das obras *Longos serões do campo: infância e juventude* (1992), de Anna Ribeiro, e *Minha Formação* (1900), de Joaquim Nabuco, serão as recepções que seus autores promoveram da leitura de *A Cabana do Pai Tomás*. Partiremos então da premissa de que o abolicionista Nabuco e a ex-senhora de engenho Anna Ribeiro vislumbraram naquele romance histórico aspectos que envolviam as relações entre senhores e escravos, bem como a ótica senhorial do processo. Igualmente, perceberiam o livro como uma ferramenta útil na pedagogia, tratamento e conformação daqueles “pobres” cativos.⁸

Por meio dos métodos peculiares à história comparada,⁹ apreciaremos as distinções e similitudes presentes nos escritos de Anna Ribeiro e Joaquim Nabuco, tendo em vista as singularidades desses dois agentes, tais como seus lugares na sociedade, suas origens, formações e atuações intelectuais. Identificaremos, concomitantemente, que as posições de um abolicionista e de uma ex-senhora de engenho puderam marcar consideráveis diferenciações e pontos de interlocução na recepção e (re)significação que ambos compactuaram da obra de Stowe.

Neste artigo, portanto, nos cercaremos dos pressupostos da História Cultural e, mais especificamente, dos conceitos utilizados por Peter Burke (recepção) e Roger Chartier (apropriação). Esses pesquisadores nos auxiliaram a compreender as ideologias e a difusão das ideias de Stowe no pensamento dos personagens oitocentistas. Com isso, investigaremos as obras de Anna Ribeiro e Joaquim Nabuco valendo-nos não apenas das motivações que determinadas ideias possam

⁷ GINZBURG, Carlo. **O fio e os rastros: verdadeiro, falso e fictício**. São Paulo, 2007. p. 10-12.

⁸ Para uma leitura que evidencia o tema da administração escrava: MARQUESE, Rafael de Bivar. **Factores do corpo, missionários da mente: senhores, letrados e o controle dos escravos nas Américas, 1660-1860**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p. 87-216.

⁹ Diversas análises, dentro e fora do país, têm se destacado nos últimos anos sobre o tema. Um exemplo, nesse sentido, pode aqui ser mencionado quanto à problematização do método em estudos sobre escravidão comparada: KOLCHIN, P. L'approche comparée de l'étude de l'esclavage: Problèmes et perspectives. In: COTTIAS, M; STELLA, A; VINCENT, B. (Ed.) **Esclavages et dépendances serviles: Histoire comparée**. Paris: L'Harmattan, 2006. p. 283-301.

ter exercido sobre eles, mas, especialmente, do contexto social de produção das narrativas, entre outras coisas, assinalado por transformações nas relações entre senhores e escravos.

Notas Biográficas sobre Anna Ribeiro e Joaquim Nabuco

Como sugere Angela Alonso, a chamada geração brasileira de 1870, a qual se inscreveram Anna Ribeiro e Joaquim Nabuco, não se desvinculou totalmente de uma tradição de pensadores que tendeu a interpretar a nossa história como uma progressão de estágios civilizatórios.¹⁰ Não obstante, as particularidades históricas de cada um dos indivíduos aqui estudados puderam nos surpreender quanto aos diferentes caminhos e trajetórias de vida percorridos pela dupla até a leitura de *A Cabana do Pai Tomás*.

Anna Ribeiro de Araújo Góes Bittencourt (1843-1930) foi uma senhora de engenho que testemunhou dois fortes momentos da história da elite baiana do Recôncavo oitocentista: em sua infância e juventude, viveu o enriquecimento e ostentação da elite açucareira, da qual a sua família era uma das mais tradicionais do Império: “[...] uma espécie de aristocracia formada pela classe muito considerada dos senhores de engenho, que era segunda nobreza do país, como era na França a magistratura”.¹¹ Já quando casada, conviveu com o retrocesso econômico, agravado pela abolição dos escravos.¹² Cônjuge do médico e senhor de engenho Sócrates Bittencourt - primeiro Intendente de Santana do Catu -, a devotada esposa empenhou-se, entre as décadas de 1860 e 1880, em cuidar de seus três filhos, de seu pai e dos serviços domésticos junto aos escravos.¹³

Embora também conhecida como uma mulher “do lar”, Anna Ribeiro se destacaria por outro motivo. Escritora detalhista, ela seria uma das poucas mulheres da sua família (e por que não estender a compreensão para boa parte do

¹⁰ ALONSO, Angela. **Joaquim Nabuco**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. p. 161. Sobre a geração de 1870, a autora também escreveu: ___. **Idéias em movimento: a geração 1870 na crise do Brasil - Império**. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

¹¹ BITTENCOURT, Anna Ribeiro de Araújo Góes. **Longos Serões do Campo: Infância e juventude**. Organização e notas Maria Clara Mariani. Rio Janeiro: Nova Fronteira, 1992. p. 09.

¹² OLIVEIRA, Marcelo Souza. Uma senhora de engenho intelectual: literatura, história e tipologia social em Anna Ribeiro de Góes Bittencourt (1843-1930). **Gláuks**, v. 7, n. 1, p. 119-148, 2007.

¹³ OLIVEIRA, Marcelo Souza. Amável redentora: modelos femininos em Letícia de Anna Ribeiro. **Revista de História e estudos culturais**, ano 5, v. 5, n. 3, jul.-set. 2008.

Império) a aprender a ler e escrever. Não só isso. Tornar-se-ia a romancista que mais publicou na Bahia entre 1882 e 1930, dedicando-se a produzir para as jovens “sinhazinhas”. No campo da Literatura, difundiria inúmeros contos, artigos, romances e poesias.

Na fase da sua formação, publicou dois romances, e isso se deu antes mesmo da abolição da escravatura, quando ela contaria (motivada pelos discursos abolicionistas, particularmente os de Castro Alves) os “horrores da nefanda instituição”: *A filha de Jephthé* (1882) e *O Anjo do Perdão* (1885). Ainda jovem, a autora manteve contatos diretos com os discursos do poeta condoreiro, no momento em que residia em Salvador, com o seu marido, então estudante da faculdade de Medicina. Frequentou, entre outros ambientes, o renomado teatro São João, local das apresentações do poeta baiano. Apesar de sua deflagrada admiração por Castro Alves, Anna Ribeiro jamais defendeu, como ele, uma abolição sumária. Nela prevaleceria o sentimento de classe, típico dos proprietários escravocratas que acastelavam uma emancipação de tipo lento e gradual, sem grandes agitações.

Já na segunda fase, notamos um silêncio literário que perdurou dezesseis anos até a publicação de *Helena* (1901). A partir daí, Anna Ribeiro escreveria mais quatro obras, a saber, *Dulce e Alina* (1901), *Lúcia* (1903), *Violeta & Angélica* (1906), *Marieta* (1908) e, finalmente, *Letícia* (1908). Todas, podemos afirmar, foram contextualizadas nos tempos da abolição, sendo que, em duas delas, seus efeitos se tornaram fundamentais para a compreensão do todo das tramas. Após novo jejum literário de trezes longos anos, ela retomaria com *Abigail* (1921), deixando, por último, obra inédita com o título de *Suzana*.

Uma leitura cruzada da produção da letrada imperial revela que, enquanto em suas memórias os assuntos ligados à comprovação de uma possível ascendência “nobre” e de uma vida de ostentação e riqueza prevaleceram, observa-se, já na sua literatura, que os temas mais recorrentes correspondiam às desventuras da elite baiana com a decadência socioeconômica de fins do Império e início da República. Dito de outra forma, se em sua autobiografia Anna Ribeiro deflagrou suas “relembrações autorizadas”, em sua produção intelectual, por seu

turno, a mesma camuflaria aquilo que podemos denominar de “memórias subterrâneas”.

Em suma, a Literatura em Anna Ribeiro teve como uma de suas funções “dizer o indizível”, funcionando como uma “válvula de escape” para a expressão dos traumas de uma elite em declínio. Anna Ribeiro tanto escreveu tipos sociais em suas narrativas quanto se espelharia em algumas de suas criações (principalmente as heroínas), mostrando às jovens leitoras seus padrões de comportamento ante “os tempos difíceis”. Em sua obra, representando a tradição e os “bons costumes”, retomou, ainda, aspectos da vida baiana e narrou, sempre na ótica de uma ex-senhora de engenho saudosista, como já vimos dito, o declínio da Monarquia e o início da República.

Em 1849 nasceu em Recife Joaquim Nabuco, contemporâneo de Anna Ribeiro. Filho do senador José Tomás Nabuco de Araújo - "o Estadista do Império" - e da irmã do marquês do Recife Francisco Pais Barreto - Ana Benigna Barreto Nabuco de Araújo -, atuou como jurista, jornalista, diplomata, orador, poeta, memorialista e político no Segundo Reinado, exercendo cargos de suma importância, como o de adido da Legação Brasileira nos Estados Unidos (1876), o de deputado (1878 e 1885) e o de embaixador em Washington.¹⁴

Estudou humanidades no Colégio Pedro II, bacharelando-se em Letras. Em 1865, seguiu para São Paulo, onde fez os três primeiros anos de Direito. Formou-se no Recife, em 1870. Com uma educação requintada, Nabuco se destacou na sociedade de corte, equilibrando-se entre a reforma e a tradição.¹⁵ Sua vida política foi marcada por fases bem distintas: o da formatura em Direito até a Abolição; a da Abolição até sua entrada a serviço do governo republicano, mesmo sem abandonar o ideal monarquista; e a da aceitação da República até a tomada de partido do Brasil contra os embates territoriais com a Inglaterra e a defesa do pan-americanismo.

¹⁴ Aspectos da vida e do pensamento de Joaquim Nabuco são encontrados em: SALLES, Ricardo. **Joaquim Nabuco: Um pensador do Império**. Rio de Janeiro: Topbooks, 2002.

¹⁵ ALONSO, Angela. **Joaquim Nabuco**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. p. 16.

Atraído pela política interna do país, especialmente após a morte de seu pai,¹⁶ elegeu-se deputado geral por sua província, passando a residir no Rio de Janeiro. Sua entrada para a Câmara marcou o início de sua campanha abolicionista, que logo se tornou causa nacional, na defesa da qual ele tanto cresceu na admiração de muitos brasileiros. De 1881 a 1884, Nabuco viajou pela Europa. Em 1883, em Londres, publicou *O Abolicionismo*, uma das principais obras do letrado. De regresso ao país, reelegeu-se deputado por Pernambuco, retomando o lugar de líder da campanha abolicionista. Ao ser proclamada a República, em 1889, permaneceu fiel às suas convicções monarquistas, embora ocupando, no corpo dela, cargo diplomático até a sua morte, em 1910.

São vastas as contribuições do Nabuco escritor. Sua obra vai desde a produção de jornais, periódicos, panfletos, discursos e impressos, passando por poesias e críticas literárias, até a formatação de livros relevantes sobre o período em que viveu e atuou. Joaquim Nabuco acreditava que seus feitos deveriam ser conservados no sentido de proporcionar às futuras gerações narrativas explicativas sobre a história do Segundo Reinado do Império do Brasil.¹⁷

Os últimos dez anos da vida de Nabuco seriam marcados pela nostalgia, fase em que o autor escreveu *Minha Formação* (1900), importante livro de memórias onde se percebe o paradoxo de quem foi educado por uma família escravocrata, mas que optou pela luta em favor dos escravos. Nabuco dizia sentir “saudade do escravo”, pela generosidade dele, num contraponto ao egoísmo do senhor. E sentenciou: “a escravidão permanecerá por muito tempo como a característica nacional do Brasil”. Tal olhar, igualmente compartilhado por Anna Ribeiro, expressava a natureza dúbia da relação senhor/escravo, em que esse último era vítima e algoz de um sistema que “pensava por ele”.

¹⁶ Sobre o assunto, ver livro em que Joaquim Nabuco biografava o pai, contando, ao mesmo tempo, uma determinada narrativa sobre a história política do Império do Brasil: NABUCO, Joaquim. **Um estadista do Império**. São Paulo: Instituto Progresso, 1949 (1899).

¹⁷ Uma leitura possível das apropriações que a historiografia da escravidão no Brasil realizou das ideias de Nabuco é vista em: COSTA, Milton Carlos. **Joaquim Nabuco: entre a política e a história**. São Paulo: Annablume, 2003. p. 59.

Entre “dois mundos” escravistas: *Os longos serões do campo e Minha Formação*

Em suas memórias, a escritora baiana Anna Ribeiro registrou a ostentação e a “nobreza” dos antigos senhores e senhoras de engenho da Bahia Oitocentista. A afirmação de uma origem “nobre”; a opulência expressa nas volumosas festas na casa-grande, e a “abastança” de que se gabava a elite senhorial são argumentos utilizados pela autora para firmar-se como descendente e representante dessa ordem. Mesmo sendo bastante detalhista, a memorialista confessava que algumas informações sobre episódios contados por ela em uma ocasião podiam ter ocorrido em outras, o que enuncia o caráter seletivo das memórias.¹⁸ No que tange a essa questão, Ecléa Bosi reitera que é preciso reconhecer que muitas das ideias ou lembranças não são vividas pela própria pessoa: foram inspiradas nas conversas com os outros. Com o correr do tempo, elas passam a ter uma história dentro de si, que acompanha sua vida e são enriquecidas por experiências e debates. Parecem tão familiares que é difícil identificá-las objetivamente. Elas são formuladas por outrem, e as pessoas, simplesmente, as incorporam ao seu cabedal.¹⁹

Ao propor uma releitura dessas memórias, apreende-se então a respeito dos grupos com os quais a autora se identificava e como ela mesma se percebia, criando um sistema de imagens.²⁰ No momento da escrita estava assim em jogo não só a conservação das memórias de sua família, mas sua identidade individual e do grupo social ao qual pertencia. Conforme Peter Burke, as memórias são construídas por grupos sociais. Embora se reconheça que a lembrança fique a cargo dos indivíduos, de fato são os grupos sociais que determinam o que é “memorável”, e como algo deverá ser lembrado.²¹

Nesse sentido, a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual quanto coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de

¹⁸ BITTENCOURT, Anna Ribeiro de Araújo Góes. **Longos Serões do Campo: Infância e juventude**. Organização e notas Maria Clara Mariani. Rio Janeiro: Nova Fronteira, 1992. p. 46.

¹⁹ BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 3^a ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. p. 407.

²⁰ POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992. p. 204.

²¹ BURKE, Peter. **Variiedades de História Cultural**. Rio de Janeiro: Civilização. Brasileira, 2000. p. 70.

uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si. As lembranças de Anna Ribeiro, nessa perspectiva, expressam momentos gloriosos e festivos, como se o tempo da narrativa não fosse à sombra do tempo dos episódios narrados. Reforça-se, desse modo, a valorização do tempo passado em função do tempo presente.

A relação entre senhores e escravos, bem como as percepções de escravidão da autora são descritos de forma romântica em *Os longos serões do campo*. Em seu livro de memórias, ao relatar a partilha dos escravos pertencentes ao avô e tia, já falecidos, a narradora conta que essa situação provocou a separação dos cativos entre os herdeiros. Mas a família respeitou os laços familiares dos escravos, o que consistia num dos preceitos fundamentais de humanização dos subalternos. A memorialista descreve que todos os escravos correram aos pés de sua mãe, “porque ela os tinha em alta estima e os tratava quase como filhos”. Os cativos tinham medo de ir parar nas mãos de um dos tios de Anna Ribeiro, muito conhecido pela violência com que agia contra os escravos:

Minha mãe insistiu com Antonio Florêncio, pai de Manuel Paulino, um ancião bom e respeitável, para que ele se valesse da autoridade de pai para interceder pelos escravos. Aos escravos ela aconselhou que, se algum problema houvesse, fossem procurar o sábio ancião. Insistiu, ainda, que não deixassem de rezar e deu, aos que não tinham, imagens e registros de Nossa Senhora e de santos, dizendo-lhes que os tomassem por seus patronos. Deu-lhes também úteis conselhos, que os guiaram pelo caminho do dever, repetindo, talvez sem muita convicção, o dito usual: Não há mal senhor para o escravo bom. Acenou-lhes – e isto convictamente – com eterna recompensa que aguarda, na outra existência, os que sofrem com paciência os trabalhos desta vida, prometida por Cristo nestas palavras: Bem aventurados os que choram, porque serão consolados.²²

Prosseguindo as recordações sobre a partilha dos escravos de seus parentes, Anna Ribeiro descreve como eram tratados os escravos, dentro do engenho onde foi criada:

Naquele tempo em que os escravos eram considerados como seres muito inferiores ao senhor, acarretou-lhe isto algumas críticas de espíritos atrasados (...). Tendo ocasião não temia afrontar a opinião contrária, dizendo que o escravo era semelhante e como tal devíamos tratá-lo. Era lamentável, então, ver como até pessoas de boa índole eram

²² BITTENCOURT, Anna Ribeiro de Araújo Góes. **Longos Serões do Campo: Infância e juventude**. Organização e notas Maria Clara Mariani. Rio Janeiro: Nova Fronteira, 1992. p. 31.

duras para com esses infelizes, pelo conceito errôneo de que as fazia encarar como seres muito diferente de nós. Usavam das frases mais ferinas para rebaixá-los, e, à força de humilhações e maus-tratos, chegavam eles às vezes a tal aviltamento, que se diria, não pertencerem, na verdade, à espécie humana. Entretanto, nas casas onde eram tratados com humanidade, encontravam-se belos espécimes nessa raça desprezada.²³

Nesse mesmo trecho, ela mostra a importância dos “manuais para moças” como forma de conferir sentido ao mundo, referindo-se claramente ao romance *A cabana do Pai Tomás*. Ao destacar a importância desse romance para a sua formação, lembra que sua mãe sempre repetia: “tratem-nos como homens, e eles procederão como homens; tratem-nos cães e eles procederão como cães”. A eficácia da fórmula para entender as relações senhor/escravo, na opinião de Anna Ribeiro, foi tanta, que em *Letícia* (1908), outro romance de sua autoria, indicou-a para as suas leitoras na voz do Senhor de engenho Travassos, pai da protagonista da trama:

[...] Sempre ouvi dizer que a escravidão traz vileza, mas eu muitas vezes respondia a essa máxima que julgava sedição (sic) com a frase da autora da *Cabana do Pai Tomás*. Tratem-nos como cães e eles vos tratarão como cães e eles procederão como cães: tratem-nos como homens e eles procederão como homens.²⁴

As mesmas frases repetidas por sua mãe seriam proferidas pelo personagem do mundo fictício criado por Anna Ribeiro. Não se pode deixar de notar, porém, que se, por um lado, no seu livro de memórias, a letrada rememorou um mundo “quase patriarcal”, harmonicamente composto por senhores/agregados/escravos; seria em *Letícia*, por outro lado, que ela discutiria a derrocada desse mundo e os traumas vividos pela elite após o fim da escravidão, como veremos mais adiante.

Diferentemente da narrativa de Anna Ribeiro, Joaquim Nabuco pautar-se-ia na crítica ao sistema escravista, perspectiva essa que acentua, ainda mais, as peculiaridades da trajetória de vida do abolicionista em comparação com a da ex-senhora de engenho. Na sua autobiografia, Joaquim Nabuco deixaria suas memórias, mas também seu pensamento político e uma análise profunda sobre as coisas de seu tempo. *Minha Formação* é um testemunho valioso daquele que foi

²³ Ibidem. p. 31.

²⁴ Ibidem. p. 68.

educado em um ambiente aristocrático e que, no entanto, passou sua existência voltada para a emancipação dos escravos. Dois capítulos de *Minha Formação – Massangana e A abolição* – lançam-nos mão de alguns aspectos bastante esclarecedores acerca das redes de sociabilidade em que Joaquim Nabuco estava inserido.

O primeiro, Massangana, é o nome de um engenho localizado no município do Cabo, em Pernambuco, onde Joaquim Nabuco passou a infância, morando com sua madrinha. Após a morte dela, ocorrida em 1857, o engenho viveria na memória de Nabuco como aquele espaço feliz da sua infância. A inversão feita por Nabuco, ao tratar da infância no vigésimo capítulo do livro ao invés de contá-la no início da obra, rompe com o tipo clássico de autobiografia. Além disso, enfatiza a questão da liberdade dos escravos como uma imagem constante em sua vida, enraizada já na sua infância: momento em que Nabuco tem a sua educação religiosa, é criado por uma ama-de-leite escrava e sente a falta de convívio com seus pais, os quais se encontravam na Corte.²⁵

No capítulo intitulado *A abolição*, Nabuco trata do movimento abolicionista que se iniciou em 1871, prolongando-se até 13 de maio de 1888, quando a lei Áurea foi assinada e a escravidão se tornou extinta no Brasil. O escritor registra nessa parte de seu livro duas amizades que lhe foram, politicamente, muito reveladoras: a amizade com André Rebouças e com Joaquim Serra. Importante observarmos que ele reproduz nesse capítulo uma carta e cita um trecho do diário de André Rebouças, realizando assim uma mistura de gêneros. Joaquim Nabuco, o qual afirma que seu arquivo é a sua contribuição para o estudo da Abolição, escreve em seu livro: “compare-se nesse ponto o que ela foi no Brasil com o que foi na América do Norte. No Brasil, a escravidão é uma fusão de raças; nos Estados Unidos, é a guerra entre elas”.²⁶

No conjunto da obra, segundo seus críticos, atesta-se ainda o mais contundente relato do sentimento de crise que acometeu as elites imperiais no contexto republicano e a mais vigorosa defesa de um futuro pautado pela tradição

²⁵ MARTINS, Matheus; TEIXEIRA, Marcos. Engenho, percurso e formação: um estudo das memórias de Joaquim Nabuco. *Revista de Literatura* - 2005, Belo Horizonte, p. 33-62, 2004.

²⁶ Idem.

brasileira. Um relato político apresentado com a elegância literária de que somente Nabuco seria capaz, pois, nele a literatura e a política caminhavam juntas, ou melhor, eram tidas como partes indissociáveis da imaginação estética aplicada à produção de uma *grande obra*, fosse ela o texto, a sua vida pública ou a nação.²⁷ *Minha Formação*, como afirma Gilberto Freyre no seu nono prefácio, converte-se em um dos primeiros e mais relevantes livros de cunho autobiográfico na tradição do pensamento brasileiro, uma vez que ao escrever suas memórias, Nabuco não só abordou aspectos marcantes da sua trajetória política-literária-existencial, como também contribuiu para explicar o momento em que viveu e atuou.

As diferentes intenções de narrativa são bastante evidentes em *Longos serões do campo* e *Minha Formação*. No entanto, não são só diferenças que marcam essas obras. Elas fazem parte, praticamente, de um mesmo contexto de produção (o pós-abolição), em que a escravidão é retomada e rende um novo sentido, agora saudosista. Tanto Anna Ribeiro quanto Joaquim Nabuco se apoiaram, em algumas passagens de seus textos, nas leituras de *A Cabana do Pai Tomás*, romance que serviu de “estímulo” para que os autores compreendessem melhor as relações entre senhor e escravo, assim como a forma de tratamento do primeiro frente ao último, que, por sua vez, portava-se, para os escritores, ora como vítimas, ora como algozes de um sistema opressor. Esse pensamento, contudo, ganha destaque quando os autores propõem interpretações acerca do processo de abolição, que deveria acontecer, no seu entender, sob o alicerce senhorial e por meio de uma transição da escravidão para a liberdade lenta, gradual e sem experiências traumáticas.

Até então, percorremos as diferentes trajetórias de vida e narrativas produzidas por Anna Ribeiro e Joaquim Nabuco dentro do contexto da crise do sistema escravocrata e do Império. Mas, em que medida a recepção da leitura de *A Cabana do Pai Tomás* por esses autores pode nos ajudar a compreender alguns pontos de interlocução entre os discursos senhorial e abolicionista? Como Anna Ribeiro e Joaquim Nabuco leram *A Cabana do Pai Tomás*? O que os aproxima ou, de alguma maneira, os distancia?

²⁷ MOTA, Lourenço Dantas. **Introdução ao Brasil: um banquete no trópico**. São Paulo: SENAC, 2002.

Recepção, apropriação e [re]significação das leituras de *A cabana do Pai Tomás*

A Cabana do Pai Tomás é, antes de tudo, um manifesto abolicionista. A história focaliza a vida do Pai Tomás, um escravo afro-americano. Todos os personagens, escravos seus amigos e proprietários de escravos, giram em torno dele, a figura central. A trama caracteriza o conflito vivido entre os escravos norte-americanos e os ricos proprietários de terras no sul dos Estados Unidos. Um fato marcante da obra, ainda, é a venda e o afastamento de “Tom” da família devido às dificuldades econômicas pelas quais o seu dono passava.²⁸ Stowe detalha também - a partir de representações de determinadas práticas²⁹ - sobre o comércio legal de seres humanos e a forma desumana com que os senhores tratavam os negros a fim de obterem mais lucros em suas propriedades. Apesar disso, no romance, Pai Tomás se expressa através da generosidade, principalmente no caso em que procura ajudar seu amigo escravo Cassy a fugir, fato esse que resulta na morte do protagonista. Ao morrer, ele perdoa todos aqueles que o mataram. No livro, portanto, seu perdão evidencia o resgate do valor religioso da fé e, mais que isso, o reforço do imaginário do escravo como um ser resignado, dedicado, obediente e, sobretudo, leal ao senhor.

Das leituras de *A Cabana do Pai Tomás*, Anna Ribeiro e Joaquim Nabuco extraíram um profundo aprendizado. Muitos dos temas discutidos em *Longos serões do campo* e *Minha Formação* seriam apropriados da obra de Stowe.³⁰ Ao ter, então, contato com *A Cabana do Pai Tomás*, Anna Ribeiro e Joaquim Nabuco não apenas “receptionaram” a leitura da obra, como também se apropriaram dela e (re)significaram-na dentro do contexto no qual estavam inseridos. Nesse sentido, o exame de *Os longos serões do campo* e *Minha Formação* revela que seus idealizadores, apesar de se manterem passivos à leitura do romance de Stowe,

²⁸ LOPES, Nei. **História e cultura africana e afro-brasileira**. São Paulo: Balsa Planeta, 2008.

²⁹ CHARTIER, Roger. O mundo como representação. **Estudos avançados**, São Paulo, v. 11, n 5, 1991.

³⁰ Tais apropriações são aqui trabalhadas, como mencionamos ainda na introdução, dentro da perspectiva da História Cultural, uma vez que seu enfoque direciona a nossa análise para os mecanismos de produção e de recepção, que, por sua vez, são formas de produção cultural. BARROS, José D'Assunção. **O campo da história: especialidades e abordagens**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004. p. 58. Como também propõe Chartier: “o social só faz sentido nas práticas culturais e as classes e grupos só adquirem alguma identidade nas configurações intelectuais que constroem”. CHARTIER, Roger. Op. Cit.

procuraram adequá-lo às suas pontuais exigências. Embora tivessem intenções de produção diferenciadas, tanto Anna Ribeiro quanto Joaquim Nabuco relataram em suas narrativas impressões acerca do momento histórico em que viveram e operaram. Assim, ambos recorreram ao passado escravista, no tempo da abolição e da implantação da República, para (re)lembrar os “bons tempos” de luta contra a escravidão (Joaquim Nabuco) ou de auge da família patriarcal (Anna Ribeiro), não rompendo totalmente com o discurso senhorial, tampouco com o fim da escravidão. Nas palavras de Joaquim Nabuco:

Nada mostra melhor do que a própria escravidão o poder das primeiras vibrações do sentimento... Ele é tal, que a vontade e a reflexão não poderiam mais tarde subtrair – se à sua ação e não encontram verdadeiro prazer senão em se conformar... Assim eu combati a escravidão com todas as minhas forças, repeli-a com toda a minha consciência, como a deformação utilitária da criatura, e na hora em que a vi acabar, pensei poder pedir também minha alforria, dizer o meu *nunc dimittis*, por ter ouvido a mais bela nova que em meus dias Deus pudesse mandar ao mundo; e, no entanto, hoje que ela está extinta, experimento uma singular nostalgia, que muito espantaria um Garrison ou um John Brown: **a saudade do escravo**.³¹ [grifo nosso]

Saudade do escravo? Essa passagem de *Minha Formação* é, no mínimo, curiosa quando pensamos na contradição que há em um abolicionista alegar um sentimento de nostalgia e saudade do tempo da escravidão. Nos últimos anos, inclusive, houve um intenso debate em torno desse trecho da obra de Joaquim Nabuco.³² Para todos os efeitos, o que interessa notar é o fato de que o abolicionista não sentia saudade da escravidão enquanto instituição. Nabuco sentia falta, pelo contrário, das lutas contra o sistema, do clima de abolição e dos fervorosos discursos por ele realizados dentro e fora do Parlamento, especialmente quando se elegeu deputado, por duas vezes, em Recife.³³ Nabuco tinha saudade, no limite, dos “bons tempos da escravidão”, em que ocupava o lugar de abolicionista, de político e de intelectual na sociedade. Tinha saudade também da Monarquia que se findara; tinha saudade, enfim, dos tempos em que o Brasil precisava de pessoas como ele para pensar as reformas.

³¹ NABUCO, Joaquim. **Minha formação**. São Paulo: Martin Claret, 2005. p. 137.

³² Uma versão polêmica desse debate é extraída em: AZEVEDO, Celia Maria Marinho de. Quem precisa de São Nabuco?. **Estud. afro-asiát.**, v. 23, n. 1, jan./jun. 2001.

³³ NABUCO, Joaquim. **Campanha abolicionista no Recife**. Recife: FUNDAJ, Massangana, 1988.

Em outra passagem, Anna Ribeiro descreve de forma nostálgica e saudosista o sentimento de que a estrutura rural e senhorial se esvaia:

Tinha eu tão pouca idade, que não sei bem se as recordações que conservo foram todas desse primeiro jantar que me lembro de ter assistido, talvez algumas sejam de outros que participei, porque eram a repetição daquele com pequena diferença. A civilização parecia estacionária naquele abençoado cantinho onde se vivia uma vida quase patriarcal.³⁴

O “cantinho quase patriarcal” dá a ideia da perfeição que aquele mundo representava para a elite senhorial, resvalando entre o viver calmo dos longos serões e as celebrações temporãs. As festas, também presentes no romance de Stowe e inscritas, em alguns momentos da obra no universo discursivo do personagem Pai Tomás, contavam com a participação de cantores que entoavam músicas acompanhadas por violão. Era essa, até mesmo, uma oportunidade para que os jovens arranjassem casamento, visto que era um dos poucos momentos que as moças apareciam em público.

Eram momentos reservados para o encontro da elite, sendo apenas permitida a presença de agregados que “mereciam” certa estima dos proprietários. Por vezes, ao final da festa, os escravos pediam aos senhores para festejarem também, e, caso fosse permitido, dançavam sambas e lundus no terreiro do engenho. Essas “concessões” oferecidas pelo “sinhozinho” compunham estratégias bem delimitadas, e visavam ao estabelecimento de relações “harmoniosas” entre senhores e escravos.³⁵

A escravidão, a abolição e seus efeitos, o fim da Monarquia e o início da República, são temas que se entrelaçam quando Anna Ribeiro e Joaquim Nabuco escrevem suas obras. Se as analisarmos criticamente, veremos que, na realidade, os autores partem de lugares e olhares diferentes, ou melhor, muito diferentes! Todavia, uma leitura ainda mais atenta nos permitirá perceber que tanto a ex-senhora de engenho quanto o abolicionista nutriram, em suas narrativas, discursos voltados à representação de um passado que estava mais ligado às heranças da

³⁴ BITTENCOURT, Anna Ribeiro de Araújo Góes. **Longos Serões do Campo: Infância e juventude**. Organização e notas Maria Clara Mariani. Rio Janeiro: Nova Fronteira, 1992. p. 46.

³⁵ *Ibidem*. p. 54.

escravidão do que, propriamente, relacionado com a ruptura de um sistema que, segundo eles, degradava escravos e senhores.

Nesse sentido, Anna Ribeiro e Joaquim Nabuco lamentavam não só os efeitos das mudanças individualmente, como também lastimavam tais mudanças no cenário local e nacional. Para Joaquim Nabuco:

A questão é que essa raça ainda não tem as garantias necessárias para o homem livre trabalhar. **Se há queixas de que o negro é vadio, de que é ladrão, vagabundo**, pergunta: qual foi a raça no mundo que jamais aprendeu a respeitar a propriedade senão pela educação que recebeu nessa propriedade? Há raça que, privada de tudo, já atingiu a qualquer grau de moralidade possível? A educação se faz na prática pela liberdade, pela moralidade, pelo trabalho. Como educaram os fazendeiros aos ex-escravos para exigir deles hoje procedimento diverso? Não os educaram absolutamente: pensaram que nunca havia de chegar o momento de libertação, não os prepararam para serem os seus trabalhadores livres. Não é uma acusação que o orador faz aos fazendeiros; nunca atacou a classe agrícola, ataca o sistema que é seguido.³⁶ [grifo nosso]

Assim como Joaquim Nabuco, visto por Vamireh Chacon como um “revolucionário-conservador”, Anna Ribeiro, em *Letícia*, faz alusão aos últimos acontecimentos ocorridos na Bahia e no Brasil:

Dera-se o golpe de Estado que acabara com o elemento servil. Esta medida necessária, pode-se até dizer imprescindível em um país que se preza de civilizado, foi extemporânea e imprevidente, que acarretou as mais desastrosas consequências. Extemporânea, porque o golpe foi dado ao começar a colheita, e os lavradores além de ficarem sem os escravos, perderam sua safra que os reduziu à situação mais precária. Imprevidente, porque passo algum deu o governo para a garantia dos ex-senhores nem para a organização do trabalho dos libertos. **Entregando-se estes à vadiagem**, daí há pouco tempo, de fome, e aqueles a conhecer as **privações da pobreza**, tão dura de sofrer quando se está habituado ao conforto da abundância.³⁷ [grifos nossos]

Nas suas memórias, Anna Ribeiro narrou, obviamente, apenas o que elegeu como “memorável”. Foi em romances como *Letícia* que, sob a égide da prosa ficcional, ela expôs o caráter “traumático” do fim da escravidão para o seu grupo social. São então memórias subterrâneas, inscritas nas metáforas dessa

³⁶ CHACON, Vamireh. **Joaquim Nabuco: revolucionário conservador**. Brasília: Senado Federal, 2000. p. 43.

³⁷ BITTENCOURT, Anna Ribeiro de Araújo Góes. Op. Cit., p. 40-41.

modalidade de escrita, que, como afirmamos acima, denotam o imaginário e a formação das memórias da elite sobre esse evento.

Seja nas memórias, romances ou nos relatos feitos pelos antigos senhores de escravos, a abolição aparece como ruptura decisiva dos padrões, etiquetas e valores estabelecidos na ordem escravista. Havia um interesse político e ideológico dos senhores em conceber a abolição nesses termos. A ideia de ruptura servia como importante argumento para mostrar o quanto a classe senhorial havia sido abandonada e injustiçada pela decisão do governo imperial de abolir a escravidão. E, mais que isso, havia também o fato de que a abolição não fora precedida nem pela indenização, nem por leis complementares que garantissem algum controle sobre os libertos. Muitos senhores de grandes engenhos na Bahia, como Anna Ribeiro, denunciavam em diversos artigos publicados na imprensa que o “13 de maio” significou “a perturbação geral do trabalho”, em consequência da “desmoralização” e das fugas por “ingratidão”; alegaram “preguiça” desmedida por parte dos libertos e que estes nada mais fizeram senão “vadiar”, “sambar” e “embriagar-se”. Além de viverem “naturalmente” as paixões mais “desregradas”, os “vícios” e a prática da “desobediência”.³⁸

Em carta a André Rebouças (1893), Nabuco também protestou pelos últimos ocorridos:

Os negros estão morrendo e pelo alcoolismo se degradando ainda mais do que quando escravos, porque hoje são livres, isto é, responsáveis, antes eram máquinas, cuja sorte Deus tinha posto em outras mãos. Hoje estas reminiscências [da abolição] produzem uma tristeza, uma melancolia indizível... Quantos idílios! [...]. Quantas ilusões!... Julgávamos que restituída a liberdade dos escravizados, ia nosso país iniciar um período de paz, de felicidade e de incessante progresso; - “Idade de Ouro” que os filantropos supõem sempre chegada e que, no entanto, ainda está longe, muito longe, nos séculos por vir.³⁹

As queixas de Nabuco ao amigo André Rebouças representam a inquietação daqueles que encabeçaram parte do movimento abolicionista. Assim como a

³⁸ Fraga Filho deu conta da matéria em: FRAGA FILHO, Walter. **Encruzilhadas da liberdade**. São Paulo: Unicamp, 2006.

³⁹ NABUCO, Joaquim. Registro de Correspondência. **Carta a André Rebouças**. Fundação Joaquim Nabuco – Recife (FJN)/LABHOI-UFF (cópia digitalizada), Coleção André Rebouças: Registro da Correspondência, Vol IV (1891-1892); Registro da Correspondência, Vol V (1892-1893).

escravocrata Anna Ribeiro, Joaquim Nabuco se mostrou descontente com os resultados do fim da escravidão no Brasil. Se para o abolicionista a emancipação dos escravos haveria de ser feita através de uma lei votada em Parlamento, e não em quilombos ou nas ruas,⁴⁰ para a ex-senhora de engenho a abolição também deveria ocorrer de maneira pacífica e sem grandes perturbações sociais.⁴¹ Daí a necessidade de as elites brasileiras pensarem os rumos do país, não deixando o escravo tomar a iniciativa do processo que findaria com o sistema escravista, como exemplarmente demonstraria o caso do Haiti.⁴²

Dessa maneira, o escravo era apresentado na visão de Anna Ribeiro e Joaquim Nabuco como um ser pacífico e incapaz de pensar sozinho ou de agir conscientemente, um “incivilizado” e carente de tutela. Como uma criança, o cativo precisaria de um “pai” para nortear suas condutas. Tanto em *Longos serões do campo* quanto em *Letícia*, as estratégias de estigmatização reconstruíam imagens de senhores e senhoras de engenhos “bons”, escravos “resignados” que reconheciam os esforços de seus amos e escravos “ingratos” e “rebeldes”. Já nos discursos de Joaquim Nabuco, é recorrente aparecer um maniqueísmo envolvendo senhores egoístas e escravos solidários e generosos, em que esses últimos, quando revoltados, configuravam-se apenas como vítimas de um sistema opressor. Do ponto de vista legal, o caso do escravo Tomás atesta o caráter dessa afirmação. Réu de morte defendido em júri pelo até então estudante de Direito no Recife Nabuco, o preto Tomás seria acusado de matar, em 1868 (após ser amarrado e açoitado publicamente), um de seus perseguidores. Preso, processado e condenado à pena de morte, o cativo fugiria uma vez mais, depois de sentenciado, fazendo nova vítima: o guarda da prisão. Em sua defesa, o advogado Nabuco alegaria que, tais crimes, foram, na realidade, impulsionados por outros dois: a escravidão e a pena de morte. O argumento dele não podia ser mais claro: sem a escravidão, não haveria o primeiro assassinato. Por sua vez, sem a pena de morte, não existiria a

⁴⁰ NABUCO, Joaquim. **O abolicionismo**. São Paulo: Publifolha, 2000. p. 18.

⁴¹ BITTENCOURT, Anna Ribeiro de Araújo Góes. **Longos Serões do Campo: Infância e juventude**. Organização e notas Maria Clara Mariani. Rio Janeiro: Nova Fronteira, 1992. p. 41 e 42.

⁴² O assunto é amplo e muitos pesquisadores já se debruçaram sobre a questão. Boa parte da bibliografia a qual nos referimos foi comentada e discutida no artigo de MARQUESE, Rafael; PARRON, Tâmis. Revolta escrava e política da escravidão: Brasil e Cuba, 1791-1825. **Revista de Índias**, v. LXXI, n. 251, 19-52, 2011.

fuga e, conseqüentemente, o segundo homicídio. No fundo, Tomás seria apenas um fruto amargo de leis, de uma sociedade e de um sistema de produção, no entender de Nabuco, “corrompidos”.⁴³

E foi nesse sentido que a leitura e apropriação de *A Cabana do Pai Tomás* se tornou referência na vida e na obra de Anna Ribeiro e Joaquim Nabuco, uma vez que as ideias do romance resvalaram-se sobre o pensamento [paternalista] trabalhado em *Os longos serões do campo* e em *Minha Formação*.⁴⁴ Muitas das passagens da obra da estadunidense inspiraram os nossos oitocentistas. Stowe, que conheceu de perto o cenário que narrou, concluiria assim o seu opúsculo:

Nenhum de vocês haverá de sofrer o que ele sofreu. Mas não se enganem. Agora vocês estão livres. Lembrem-se sempre, porém, do velho Pai Tomás. Por sua **resignação, fidelidade e bondade, e pelo seu grande amor a Deus**, ele morreu mais livre do que muitos que já nasceram livres. Paz à sua alma.⁴⁵ [grifo nosso]

Ora, a lição que tiramos com a abordagem de Stowe é que a dominação existe e deve ser legitimada. Só que, contudo, essa dominação deve se expressar por meio de uma forma branda e paternal, em que uma classe domine a outra hegemonicamente. Sendo os conflitos, assim, exibidos não como forma de resistência na luta de classes ou uma contra hegemonia, mas sim representados pela resignação do escravo, que é o elo mais fraco do conflito e, portanto, mais generoso e mais digno da verdadeira liberdade: a divina.

No capítulo intitulado “Patrícios e Plebeus”, do livro *Costumes em comum*, Thompson demonstra que o conceito de *Paternalismo* não comporta uma relação, mas implica o oposto, ou seja, uma via de mão única, sugerindo manipulação. Nesse viés, a história se passa no nível superior, em que convivem a astúcia, a habilidade, o plano e a iniciativa, pouco importando o que vem debaixo. Ademais, Thompson sugere que o paternalismo parte de uma relação mutuamente consentida, no qual um tem noção do seu poder e o outro assume o caráter de submissão. De tudo isso

⁴³ NABUCO, Joaquim. **A escravidão**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999. p. 58-60.

⁴⁴ O capítulo intitulado *Massangana* é aquele em que Nabuco retoma a sua infância e os seus primeiros contatos com a escravidão. Nele o autor faz referência ao romance abolicionista de Stowe.

⁴⁵ STOWE, Harriet B. **A Cabana do Pai Tomás**. 2ª ed. Reform. São Paulo. Ediouro, 2001. p. 174.

resulta o não reconhecimento do conflito de classes e, destarte, o desconhecimento da história das classes subalternas.⁴⁶

Dito isso, *A Cabana do Pai Tomás* fundamenta as bases do pensamento paternalista apropriado e (re)significado por muitos abolicionistas e senhores de engenhos a partir da segunda metade do século XIX, como foi o caso dos autores aqui analisados. Anna Ribeiro e Joaquim Nabuco aproximam-se quando retomam o discurso senhorial em suas narrativas, no contexto saudosista do pós-abolição. A recepção que ambos promoveram da leitura de *A Cabana do Pai Tomás* serve-nos de ponto de apoio para compreender o argumento de que os oitocentistas não romperam totalmente com a escravidão em tempos em que ela, felizmente, não mais existia.

Conclusão: dois atores entre a escravidão e a liberdade

Muito ainda poderia ser escrito sobre Anna Ribeiro de Araújo Góes Bittencourt e Joaquim Aurélio Barreto Nabuco de Araújo. Se, por um lado, a biografia e as duas representações de mundo escravista, como elucidadas, de certa forma distanciam os agentes históricos em foco; por outro lado, a recepção, apropriação e [re]significação que ambos materializaram a partir do romance abolicionista *A Cabana do Pai Tomás* denunciam uma aproximação das narrativas produzidas, sobretudo no sentido de uma leitura paternalista, senhorial e saudosista daqueles tempos de escravidão, retratados, agora, por sua vez, numa época bem diferente: a de liberdade.

As representações de Anna Ribeiro sobre a queda da instituição escravista guardaram certa proximidade com as dos numerosos senhores e senhoras do Recôncavo baiano que, assim como ela, se “despediam” do cativo. Preocupavam-se assim com a extinção lenta e gradativa da escravidão, bem como com a permanência das relações paternalistas que, na ótica senhorial, ajudariam a conformar o quadro de dominação existente. Corroborando então com a manutenção de um determinado pacto social, mesmo com a desarticulação do sistema as elites baianas defenderiam o posicionamento de que o Estado deveria

⁴⁶ THOMPSON, E. P. Patrícios e plebeus. In: _____. **Costumes em comum**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 29.

“amparar” os outrora donos de escravos, legando a eles certos “direitos”, como, por exemplo, o de indenização por “abrirem mão” da propriedade escrava, “concedendo-lhe” a desejada liberdade. Com efeito, ao não ocorrer o que esperavam, as elites baianas, tão bem lembradas na autora de Longos serões do campo, adotariam um discurso de que o fim do escravismo, da forma como se deu, provocou-lhes um efeito traumático, além de constituir-se como a causa maior do seu declínio econômico e político.

Quanto a Joaquim Nabuco, o seu perfil de liderança no movimento abolicionista - motivado, em muitos aspectos, pela sua capacidade de articulação social e política e pela sua habilidade em interagir com grupos de abolicionistas internacionais -, ainda no contexto de desagregação do sistema escravista, pareceu ter sido deixado inteiramente de lado dois anos depois da abolição, quando escreveria o seu livro de memórias. Seu ativismo e militância da juventude, na década de 1870, e o seu reformismo social, na década de 1880, contrastariam, sem dúvida, com a sua fase mais nostálgica, nos anos de 1900. Contudo, se tais personagens, inseridos numa mesma figura, devem ser explicitados e lembrados tendo em vista o contexto histórico que marcou suas “diferentes vidas”, é porque, no fundo, todos eles, de alguma forma, estariam entrelaçados à escravidão. Em síntese, uma frase aqui já mencionada retoma, antes, uma ideia, porém igualmente uma visão de mundo que, acreditamos, facilmente caberia em quaisquer momentos da trajetória de Nabuco, seja na escravidão ou na liberdade: *“a escravidão permanecerá por muito tempo como a característica nacional do Brasil”*.

Em outras palavras, resumidamente, o fim da escravidão no país evidenciaria “efeitos traumáticos” em abolicionistas como Nabuco, mas também na própria classe senhorial de Anna Ribeiro, ainda que a sua derrocada final ocupasse, há muito, o seu horizonte de expectativas. Tais sequelas, por mais que se tente pensar o contrário, não seriam simplesmente esquecidas naquela realidade. Daí que extraímos o argumento de que o abolicionismo de Joaquim Nabuco não teria causado um apartamento completo com o discurso senhorial de Anna Ribeiro. Daí que os nossos atores extrairiam, portanto, a experiência conjunta da leitura do romance de Mrs. Stowe.

Referências Bibliográficas

- ALONSO, Angela. **Joaquim Nabuco**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- _____. **Idéias em movimento: a geração 1870 na crise do Brasil - Império**. São Paulo: Paz e Terra, 2003.
- AZEVEDO, Celia Maria Marinho de. Quem precisa de São Nabuco?. **Estud. afro-asiát.**, v. 23, n. 1, jan./jun 2001.
- BARROS, José D'Assunção. **O campo da história: especialidades e abordagens**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.
- BITTENCOURT, Anna Ribeiro de Araújo Góes. **Longos Serões do Campo: Infância e juventude**. Organização e notas Maria Clara Mariani. Rio Janeiro: Nova Fronteira, 1992.
- _____. **Leticia: Romance original**. Salvador: Litho-Typ. E Encadernação Reis & Cia, 1908.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BRAGA, Marcelle Danielle de Carvalho. **Um mosaico de fatos: produção e circulação de literatura sobre a escravidão nos Estados Unidos em meados do século XIX – A Cabana do Pai Tomás e os romances anti-tom's**. Ouro Preto, 2014. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de pós-graduação em História, Universidade Federal de Ouro Preto, Belo Horizonte, Minas Gerais, 2014.
- BURKE, Peter. **Varieties de História Cultural**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- CHACON, Vamireh. **Joaquim Nabuco: revolucionário conservador**. Brasília: Senado Federal, 2000.
- CHARTIER, Roger. O mundo como representação. **Estudos avançados**, São Paulo, v. 11, n. 5, 1991.
- COSTA, Milton Carlos. **Joaquim Nabuco: entre a política e a história**. São Paulo: Annablume, 2003.
- FRAGA FILHO, Walter. **Encruzilhadas da liberdade**. São Paulo: Unicamp, 2006.
- GILENO, Carlos Henrique. **Perdigão Malheiro e a crise do sistema escravocrata e do Império**. São Paulo: Annablume, 2013.
- GINZBURG, Carlo. **O fio e os rastros: verdadeiro, falso e fictício**. São Paulo, 2007.

- KOLCHIN, P. L'approche comparée de l'étude de l'esclavage: Problèmes et perspectives. In: COTTIAS, M.; STELLA, A.; VINCENT, B. (Ed.) **Esclavages et dépendances serviles: Histoire comparée**. Paris: L'Harmattan, 2006. p. 283-301.
- LOPES, Nei. **História e cultura africana e afro-brasileira**. São Paulo: Barcha Planeta, 2008.
- MARQUESE, Rafael de Bivar. **Feitores do corpo, missionários da mente: senhores, letrados e o controle dos escravos nas Américas, 1660-1860**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- MARQUESE, Rafael; PARRON, Tâmis. Revolta escrava e política da escravidão: Brasil e Cuba, 1791-1825. **Revista de Índias**, v. LXXI, n. 251, p. 19-52, 2011.
- MARTINS, Matheus; TEIXEIRA, Marcos. Engenho, percurso e formação: um estudo das memórias de Joaquim Nabuco. **Revista de Literatura**. Belo Horizonte: Associação Pré-UFMG, 2004.
- MOTA, Lourenço Dantas. **Introdução ao Brasil: um banquete no trópico**. São Paulo: SENAC, 2002.
- NABUCO, Joaquim. **Minha formação**. São Paulo: Martin Claret, 2005.
- __. **O abolicionismo**. São Paulo: Publifolha, 2000.
- __. **A escravidão**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- __. **Campanha abolicionista no Recife**. Recife: FUNDAJ, Massangana, 1988.
- __. **Um estadista do Império**. São Paulo: Instituto Progresso, 1949.
- __. Registro de Correspondência. **Carta a André Rebouças**. Fundação Joaquim Nabuco – Recife (FJN)/LABHOI-UFF (cópia digitalizada), Coleção André Rebouças: Registro da Correspondência, Vol IV (1891-1892); Registro da Correspondência, Vol V (1892-1893).
- OLIVEIRA, Marcelo Souza. **Uma senhora de engenho no mundo das letras**. Salvador: EDUNEB, 2009.
- __. Amável redentora: modelos femininos em Letícia de Anna Ribeiro. **Revista e História e estudos culturais**, ano 5, v. 5, n. 3, jul.-set. 2008.
- __. Uma senhora de engenho intelectual: literatura, história e tipologia social em Anna Ribeiro de Góes Bittencourt (1843-1930). **Gláuks**, v. 7, n. 1, p. 119-148, 2007.
- POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

SALLES, Ricardo. **Joaquim Nabuco: Um pensador do Império**. Rio de Janeiro: Topbooks, 2002.

STOWE, Harriet B. **A Cabana do Pai Tomás**. 2^a ed. Reform. São Paulo. Ediouro, 2001.

THOMPSON, E. P. Patrícios e plebeus. *In*: __. **Costumes em comum**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA:

Marcelo Souza Oliveira. Rua dos Antúrios, 295, Planalto II.

Catu-BA. CEP: 48.110-000. Brasil.

Rogério Barreto Santana. Rua das Massarandubas, quadra 02, casa 04.

Bairro: São Félix, Valença-BA. CEP: 45.400-000. Brasil.